



ISSN: 2595-1661

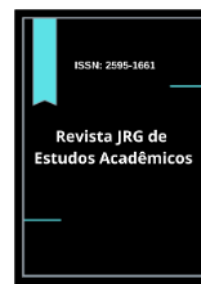
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br/)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Ebola como desafio à saúde pública global: aspectos epidemiológicos e implicações sanitárias

Ebola as a Challenge to Global Public Health: Epidemiological Aspects and Health Implications

DOI: 10.55892/jrg.v9i20.2843

ARK: 57118/JRG.v9i20.2843

Recebido: 10/01/2026 | Aceito: 16/01/2026 | Publicado on-line: 17/01/2026

Maria Lúise Eustáquio Araújo¹

<https://orcid.org/0009-0009-5051-3596>

<http://lattes.cnpq.br/7040256727655147>

Universidade Federal da Bahia, BA, Brasil

E-mail: mlearaujo.2002@gmail.com

Rizia Maria dos Santos Eustáquio Leite²

<https://orcid.org/0009-0003-0933-0313>

<http://lattes.cnpq.br/2171640392835821>

Universidade Federal da Bahia, BA, Brasil

E-mail: riziadeleite@hotmail.com

Simone Santos Souza³

<https://orcid.org/0000-0002-5283-6083>

<http://lattes.cnpq.br/7743213646694190>

Universidade Estadual de Santa Cruz, BA, Brasil

E-mail: sssouza1@uesc.com

Mariane Teixeira Dantas Farias⁴

<https://orcid.org/0000-0003-4208-4911>

<http://lattes.cnpq.br/1380901605576023>

Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, BA, Brasil

E-mail: manomafarias@gmail.com

Rejane Santos Barreto⁵

<https://orcid.org/0000-0002-2973-0272>

<http://lattes.cnpq.br/4780256237263047>

Universidade Estadual de Santa Cruz, BA, Brasil

E-mail: rsbarreto@uesc.com

Andreia Silva Rodrigues⁶

<https://orcid.org/0000-0002-0091-2849>

<http://lattes.cnpq.br/0632022699270314>

Centro Universitário Maurício de Nassau, BA, Brasil

E-mail: enfandreiarodrigues@gmail.com



¹ Graduanda em Bacharelado Interdisciplinar em Saúde pela Universidade Federal da Bahia.

² Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Mestre em Enfermagem e Saúde pela Universidade Federal da Bahia.

³ Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Enfermagem e Saúde pela Universidade Federal da Bahia.

⁴ Graduada em Enfermagem pela Universidade do Estado da Bahia. Doutora em Enfermagem e Saúde pela Universidade Federal da Bahia.

⁵ Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Enfermagem pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

⁶ Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia. Doutora em Enfermagem e Saúde pela Universidade Federal da Bahia.

Resumo

O vírus Ebola constitui uma ameaça importante à saúde pública em razão de sua elevada letalidade, potencial de disseminação em contextos específicos e impacto significativo sobre sistemas de saúde fragilizados. Descoberto em 1976 no continente africano, o Ebola permanece como um desafio sanitário global, especialmente em regiões marcadas por vulnerabilidades sociais, econômicas e institucionais. O presente estudo tem como objetivo analisar a relevância do vírus Ebola para a saúde pública, com base em uma revisão narrativa da literatura, enfatizando seus aspectos epidemiológicos e clínicos. Trata-se de uma revisão narrativa, de abordagem qualitativa, baseada na análise crítica e contextual de publicações científicas e documentos institucionais relevantes. A literatura evidencia que, embora a ocorrência do Ebola seja predominantemente localizada em focos específicos, sua gravidade clínica, associada às limitações estruturais dos sistemas de saúde e às desigualdades globais, reforça a necessidade de estratégias integradas de vigilância, preparação dos serviços de saúde e cooperação internacional. Conclui-se que o Ebola representa não apenas um risco biológico, mas também um marcador das fragilidades da governança sanitária global, demandando investimentos contínuos em políticas públicas, pesquisa científica e fortalecimento dos sistemas de saúde.

Palavras-chave: Ebola vírus. Saúde Pública. Vigilância Epidemiológica.

Abstract

The Ebola virus constitutes a significant threat to public health due to its high lethality, potential for dissemination in specific contexts, and substantial impact on fragile health systems. First identified in 1976 on the African continent, Ebola remains a global health challenge, particularly in regions marked by social, economic, and institutional vulnerabilities. This study aims to analyze the relevance of the Ebola virus to public health, based on a narrative review of the literature, emphasizing its epidemiological and clinical aspects. This is a narrative review with a qualitative approach, grounded in the critical and contextual analysis of scientific publications and relevant institutional documents. The literature indicates that although Ebola outbreaks are predominantly localized, their clinical severity, combined with structural limitations of health systems and global inequalities, underscores the need for integrated strategies in surveillance, health service preparedness, and international cooperation. It is concluded that Ebola represents not only a biological risk but also a marker of the fragilities of global health governance, requiring continuous investment in public policies, scientific research, and the strengthening of health systems

Keywords: Ebola virus. Public Health. Epidemiological Surveillance.

1. Introdução

O vírus Ebola pertence à família *Filoviridae* e foi identificado pela primeira vez em 1976, a partir de surtos simultâneos ocorridos no Sudão e na então República do Zaire, atual República Democrática do Congo, no continente africano. Desde sua descoberta, a doença causada pelo vírus Ebola tem se manifestado de forma esporádica, porém com surtos recorrentes ao longo das décadas, destacando-se o episódio entre os anos de 2014 e 2016 como o mais grave já registrado, tanto pelo número de casos quanto pela ampla repercussão internacional (Cerbino Neto, 2014; Primer, 2020).

Esse surto representou um marco na saúde global, ao expor fragilidades nos sistemas de vigilância sanitária internacional e promover uma mudança de paradigma na

forma como emergências em saúde pública passaram a ser monitoradas, comunicadas e enfrentadas, reforçando o papel estratégico da vigilância epidemiológica e da cooperação entre Estados.

Trata-se de uma doença infecciosa aguda, de origem zoonótica, cuja transmissão inicial ocorre do animal para o ser humano. Embora o reservatório natural do vírus ainda não tenha sido definitivamente comprovado, evidências epidemiológicas indicam forte associação com animais silvestres, especialmente morcegos frugívoros e primatas não humanos. A transmissão entre humanos ocorre principalmente por meio do contato direto com fluidos corporais contaminados, como sangue, secreções, vômito, urina e outros líquidos orgânicos, bem como pelo contato com superfícies e objetos contaminados (Simioni, 2020; WHO, 2023).

O período de incubação da doença varia entre dois e vinte e um dias, sendo o diagnóstico possível apenas após o surgimento dos sintomas clínicos. As manifestações iniciais incluem febre alta, fadiga intensa, cefaleia e dores musculares, podendo evoluir para vômitos, diarreia, disfunções orgânicas múltiplas e hemorragias internas e externas, o que confere à doença elevado potencial de gravidade e risco de óbito (Primer, 2020; CDC, 2022).

Do ponto de vista da saúde pública, o vírus Ebola apresenta relevância significativa em razão de sua elevada letalidade, que pode atingir taxas superiores a 50% e, em determinados surtos, aproximar-se de 90%. Mesmo sendo uma doença de ocorrência relativamente restrita a determinadas regiões, seu alto poder de transmissão em contextos específicos e a gravidade dos quadros clínicos representam uma ameaça constante aos sistemas de saúde, especialmente em países com infraestrutura sanitária fragilizada (Sampaio; Schutz, 2016).

A disseminação do Ebola está fortemente associada a determinantes sociais e ambientais da saúde, como pobreza, precariedade das condições sanitárias, dificuldade de acesso a serviços de saúde e insuficiência de recursos humanos e materiais. Historicamente, a maioria dos surtos ocorreu em áreas rurais e semiurbanas do continente africano, onde essas vulnerabilidades estruturais favorecem a rápida propagação do vírus e dificultam a implementação de medidas de controle e prevenção (Lopes; Dunda, 2015).

Apesar dos esforços empreendidos pela Organização Mundial da Saúde, especialmente por meio do Regulamento Sanitário Internacional, voltados à vigilância, prevenção e resposta a emergências de saúde pública, diversos países africanos enfrentam limitações políticas, econômicas e institucionais que comprometem a efetividade dessas ações. Conflitos armados, instabilidade governamental e baixo investimento em ciência e tecnologia têm contribuído, ao longo de mais de quatro décadas, para a lentidão nos avanços relacionados à pesquisa, ao desenvolvimento de vacinas e ao fortalecimento das estratégias de educação em saúde voltadas à população (Sampaio; Schutz, 2016; Ventura, 2017).

Diante desse cenário, compreender o vírus Ebola e sua importância para a saúde pública torna-se fundamental, não apenas para o enfrentamento de surtos localizados, mas também para o fortalecimento da vigilância epidemiológica global e para a construção de respostas mais equitativas e eficazes frente a doenças infecciosas de alto impacto. Neste sentido, este trabalho possui como objetivo: analisar a relevância do vírus Ebola para a saúde pública, com base em uma revisão narrativa da literatura, enfatizando seus aspectos epidemiológicos e clínicos.

2. Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-analítico, cujo objetivo foi realizar uma análise crítica e contextual sobre o vírus Ebola e sua importância para a saúde pública, com ênfase nos aspectos epidemiológicos, na vigilância epidemiológica e nas implicações para os sistemas de saúde.

A revisão narrativa foi escolhida por permitir uma abordagem ampla e interpretativa do tema, favorecendo a articulação entre diferentes perspectivas teóricas, históricas e institucionais, sem a pretensão de esgotar toda a produção científica existente. Esse tipo de revisão mostra-se particularmente adequado para a análise de fenômenos complexos em saúde pública, como o Ebola, que envolvem dimensões biológicas, sociais, políticas e sanitárias.

A busca bibliográfica foi realizada de forma não sistemática, porém orientada, contemplando publicações científicas e documentos institucionais considerados relevantes para a compreensão do objeto de estudo. Foram consultadas as seguintes bases de dados nacionais e internacionais: Scientific Electronic Library Online (SciELO), PubMed/MEDLINE, Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Google Acadêmico.

Adicionalmente, foram incluídos documentos oficiais e relatórios técnicos de organismos internacionais e instituições de referência na área da saúde, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Centers for Disease Control and Prevention (CDC) e o Ministério da Saúde do Brasil.

O recorte temporal das publicações compreendeu o período entre 2014 e 2024, justificado pela relevância do surto de Ebola ocorrido entre 2014 e 2016, considerado um marco na vigilância sanitária internacional e na reorganização das estratégias globais de resposta a emergências em saúde pública. Esse intervalo temporal permitiu abarcar tanto as produções científicas que analisaram diretamente o referido surto quanto estudos posteriores que discutem seus desdobramentos, aprendizados institucionais e implicações para a vigilância epidemiológica contemporânea. Publicações anteriores a esse período foram incluídas de forma pontual, quando consideradas fundamentais para a contextualização histórica e conceitual do vírus Ebola.

A seleção das fontes baseou-se na relevância teórica, na consistência metodológica e na contribuição dos estudos para a discussão proposta. Não foram estabelecidos critérios rígidos de inclusão e exclusão, uma vez que a escolha das referências ocorreu de forma intencional e reflexiva, priorizando autores e documentos amplamente reconhecidos no campo da saúde pública, da vigilância epidemiológica e das doenças infecciosas emergentes.

A análise do material selecionado foi conduzida de maneira interpretativa e crítica, buscando identificar convergências, divergências e lacunas na literatura, bem como estabelecer conexões entre os achados científicos e o contexto da saúde pública global e brasileira. Essa abordagem possibilitou a construção de uma discussão integrada, alinhada aos objetivos do estudo e compatível com o escopo de uma revisão narrativa.

3. Resultados e Discussão

A relevância do vírus Ebola para a saúde pública transcende sua ocorrência geograficamente concentrada, estando relacionada, sobretudo, à combinação entre elevada letalidade, potencial de disseminação em contextos específicos e impacto significativo sobre sistemas de saúde fragilizados. Embora se trate de uma doença de caráter esporádico, a literatura evidencia que seus surtos produzem efeitos

desproporcionais quando comparados a outras doenças infecciosas, especialmente em regiões marcadas por vulnerabilidades estruturais (Sampaio; Schutz, 2016).

Sob essa perspectiva, autores destacam que o Ebola deve ser compreendido não apenas como um evento biológico, mas como um fenômeno social e sanitário complexo, fortemente influenciado pelos determinantes sociais da saúde. A elevada taxa de letalidade, que pode variar entre 50% e 90% a depender do surto e das condições locais de resposta, confere à doença um caráter de emergência em saúde pública, exigindo intervenções rápidas, coordenação institucional e disponibilidade de recursos humanos e materiais adequados (Cerbino Neto, 2014; Simioni, 2020).

Além da gravidade clínica, a importância do Ebola para a saúde pública está diretamente associada à sua forma de transmissão. O contágio por meio do contato direto com fluidos corporais impõe desafios significativos aos serviços de saúde, uma vez que demanda protocolos rigorosos de biossegurança, uso adequado de equipamentos de proteção individual e capacitação contínua das equipes de saúde. Nesse sentido, a literatura aponta que falhas na adoção dessas medidas podem transformar unidades de saúde em importantes focos de disseminação do vírus, ampliando o risco tanto para profissionais quanto para pacientes (Cerbino Neto, 2014).

Ao analisar os surtos registrados ao longo das últimas décadas, observa-se que a disseminação do Ebola ocorre, majoritariamente, em contextos de pobreza, precariedade sanitária e acesso limitado aos serviços de saúde. Essa constatação reforça a ideia de que o impacto do vírus não pode ser dissociado das condições socioeconômicas das populações afetadas.

Conforme destacam Lopes e Dunda (2015), países que enfrentam instabilidade política, conflitos armados e fragilidade institucional apresentam maiores dificuldades na contenção da doença, o que contribui para a ampliação dos surtos e o aumento da mortalidade. Nesse contexto, o Ebola expõe de forma contundente as desigualdades globais em saúde. Enquanto países com sistemas de saúde mais estruturados conseguem implementar rapidamente estratégias de isolamento, vigilância epidemiológica e controle de infecções, regiões com infraestrutura limitada enfrentam obstáculos significativos para responder de maneira eficaz. Tal cenário evidencia que a importância do Ebola para a saúde pública não se restringe ao risco biológico, mas se estende à capacidade dos sistemas de saúde em lidar com emergências sanitárias de alta complexidade (Ventura, 2017).

Outro aspecto relevante diz respeito às implicações do Ebola para a vigilância epidemiológica internacional. A crise sanitária de 2014–2016 demonstrou que surtos localizados podem adquirir dimensão global em um contexto de intensa mobilidade humana. Dessa forma, mesmo não sendo uma doença de transmissão aérea, o Ebola passou a ser tratado como uma ameaça à segurança sanitária internacional, demandando cooperação entre países e organismos multilaterais, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional (Sampaio; Schutz, 2016).

Sob essa ótica, a literatura ressalta que a importância do vírus Ebola para a saúde pública reside também em seu papel como indicador das fragilidades dos mecanismos globais de prevenção e resposta a emergências em saúde. A dificuldade em conter rapidamente os surtos, aliada à demora no desenvolvimento de vacinas e terapias eficazes, revela a necessidade de investimentos contínuos em pesquisa, fortalecimento dos sistemas de saúde e estratégias de educação em saúde voltadas às populações mais vulneráveis (Simioni, 2020; Primer, 2020).

Diante dessas considerações, torna-se evidente que o vírus Ebola representa um desafio multifacetado para a saúde pública, envolvendo não apenas aspectos biomédicos,

mas também sociais, políticos e institucionais. A análise da literatura aponta que compreender sua importância exige uma abordagem integrada, capaz de articular conhecimento científico, políticas públicas e ações de cooperação internacional, com vistas à redução dos impactos da doença e ao fortalecimento da resposta global frente a futuras emergências sanitárias.

A vigilância epidemiológica desempenha papel central no enfrentamento do vírus Ebola, uma vez que a identificação precoce de casos suspeitos e a rápida implementação de medidas de contenção são determinantes para evitar a ampliação dos surtos. No cenário global, a experiência acumulada ao longo das últimas décadas demonstrou que a fragilidade dos sistemas de vigilância, especialmente em países com infraestrutura limitada, contribui de forma significativa para a subnotificação, o diagnóstico tardio e a disseminação do vírus, ampliando seus impactos sanitários e sociais (Ventura, 2017).

A crise sanitária ocorrida entre 2014 e 2016 representou um marco na saúde pública internacional, ao evidenciar lacunas importantes na vigilância epidemiológica global, sobretudo no que se refere à capacidade de resposta rápida frente a emergências em saúde pública. Esse episódio alterou o paradigma da vigilância sanitária internacional, reforçando a necessidade de mecanismos mais ágeis de detecção, notificação e coordenação entre países. Nesse contexto, a Organização Mundial da Saúde passou a enfatizar o Regulamento Sanitário Internacional como instrumento fundamental para a comunicação oportuna de eventos de risco e para a resposta coordenada a doenças de alta letalidade, como o Ebola (Sampaio; Schutz, 2016).

Sob essa perspectiva, a vigilância epidemiológica do Ebola não se restringe ao monitoramento de casos clínicos confirmados, mas envolve um conjunto de ações integradas, incluindo o rastreamento de contatos, a vigilância laboratorial, o controle de infecções nos serviços de saúde e a comunicação eficaz de riscos à população. A literatura aponta que falhas em qualquer uma dessas etapas podem comprometer a eficácia das estratégias de contenção, especialmente em um contexto de intensa mobilidade humana e circulação internacional de pessoas, características centrais do mundo contemporâneo (Primer, 2020).

No Brasil, embora o vírus Ebola não seja endêmico, a vigilância epidemiológica assumiu caráter estratégico durante o surto de 2014–2016, diante do risco de importação de casos por meio de viagens internacionais, fluxos migratórios e eventos de grande circulação de pessoas. Esse cenário levou à mobilização de estruturas nacionais de vigilância e à adoção de medidas preventivas voltadas à identificação precoce e ao manejo adequado de casos suspeitos, mesmo na ausência de transmissão local (Brasil, 2014; 2022).

Nesse período, o Centro de Informações Estratégicas em Vigilância em Saúde (CIEVS) desempenhou papel central na coordenação das ações de vigilância, atuando como ponto focal para a notificação imediata de eventos de importância para a saúde pública. O CIEVS foi responsável pelo monitoramento contínuo de informações, pela articulação entre os níveis federal, estadual e municipal e pela disseminação oportuna de orientações técnicas, em consonância com as diretrizes do Regulamento Sanitário Internacional (Brasil, 2015).

Paralelamente, foram intensificadas as ações de vigilância sanitária em pontos de entrada no país, como portos, aeroportos e fronteiras terrestres. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária, em articulação com o Ministério da Saúde, implementou protocolos específicos para a identificação e o manejo de viajantes procedentes de áreas afetadas, incluindo triagem clínica, orientações sanitárias e fluxos de encaminhamento para

serviços de referência previamente definidos. Tais medidas evidenciam o esforço do país em alinhar-se às recomendações internacionais de prevenção e controle.

Além disso, foram elaborados e difundidos protocolos nacionais para a vigilância e o manejo clínico da doença pelo vírus Ebola, com ênfase na definição de caso suspeito, no isolamento imediato, no uso adequado de equipamentos de proteção individual e na proteção dos profissionais de saúde. Essas ações demonstram que a preparação brasileira não se limitou à vigilância epidemiológica tradicional, mas incluiu a organização da rede assistencial e a adoção de medidas de biossegurança. Entretanto, a literatura destaca que, apesar desses avanços, o preparo brasileiro frente a uma eventual introdução do Ebola envolve desafios relevantes. A efetividade das estratégias de vigilância depende da capacitação contínua das equipes de saúde, da disponibilidade de infraestrutura adequada para isolamento de alto risco biológico e do acesso oportuno a diagnóstico laboratorial especializado. Soma-se a isso a heterogeneidade na capacidade de resposta entre estados e municípios, o que pode comprometer a uniformidade das ações de contenção (Cerbino Neto, 2014).

Outro aspecto que merece destaque diz respeito às limitações impostas pelo período de incubação do vírus, durante o qual o indivíduo infectado pode não apresentar sintomas, dificultando a identificação imediata nos pontos de entrada. Dessa forma, a vigilância epidemiológica em portos e aeroportos deve ser complementada por estratégias de monitoramento pós-entrada, vigilância baseada em eventos e comunicação eficaz entre os serviços de saúde e os órgãos de vigilância (Ventura, 2017).

Além disso, a preparação frente ao Ebola demanda investimentos contínuos em educação em saúde e no combate à desinformação, uma vez que a circulação de informações imprecisas pode comprometer a adesão da população às medidas de prevenção e controle, configurando-se como fator adicional de risco para a saúde pública. Dessa forma, ao analisar o papel da vigilância epidemiológica no enfrentamento do Ebola, tanto em âmbito global quanto no contexto brasileiro, torna-se evidente que sua efetividade está diretamente relacionada à capacidade dos sistemas de saúde em antecipar riscos, integrar informações e responder de maneira coordenada. A vigilância epidemiológica consolida-se, assim, como elemento essencial para a proteção da saúde coletiva e para a mitigação dos impactos de uma eventual introdução do vírus no território nacional.

4. Considerações Finais

A análise da literatura evidenciou que o vírus Ebola representa um desafio complexo e multifacetado para a saúde pública, cuja relevância ultrapassa os limites biológicos da doença e se insere em um contexto marcado por determinantes sociais, fragilidades estruturais dos sistemas de saúde e desigualdades globais. Embora sua ocorrência seja predominantemente localizada em determinadas regiões do continente africano, a elevada letalidade, o potencial de disseminação em contextos específicos e o impacto desproporcional sobre populações vulneráveis reforçam a necessidade de atenção contínua por parte da comunidade científica e das autoridades sanitárias.

Sob a perspectiva teórica da saúde pública, a literatura analisada aponta que o enfrentamento do Ebola exige uma abordagem integrada, que articule vigilância epidemiológica, capacidade assistencial, biossegurança e cooperação internacional. Os surtos ocorridos nas últimas décadas, em especial o episódio de 2014–2016, evidenciaram limitações importantes nos mecanismos globais de resposta a emergências sanitárias, revelando fragilidades na detecção precoce de casos, na coordenação interinstitucional e na proteção dos profissionais de saúde.

No contexto brasileiro, embora o país disponha de um sistema de vigilância relativamente estruturado, a análise teórica indica que a efetividade da resposta a uma eventual introdução do vírus Ebola dependeria de investimentos contínuos em capacitação profissional, fortalecimento da vigilância epidemiológica, ampliação da infraestrutura para isolamento de casos suspeitos e integração entre os diferentes níveis do Sistema Único de Saúde.

Ademais, a experiência recente com outras emergências sanitárias reforça a importância de estratégias de comunicação de risco e combate à desinformação como componentes essenciais da proteção da saúde coletiva. Apesar dos avanços observados na produção científica sobre o Ebola, persistem lacunas relevantes na literatura, especialmente no que se refere à análise crítica das políticas públicas voltadas à prevenção e ao controle da doença em países não endêmicos, bem como à avaliação da capacidade real dos sistemas de saúde em responder a eventos de alta letalidade. Observa-se, ainda, a necessidade de maior aprofundamento em estudos que abordem a interface entre saúde pública, determinantes sociais da saúde e governança global, considerando o Ebola como um marcador das desigualdades sanitárias contemporâneas.

Diante desse cenário, torna-se imprescindível o fortalecimento de políticas públicas voltadas à vigilância epidemiológica, à preparação dos sistemas de saúde e ao investimento em ciência e tecnologia, com ênfase no desenvolvimento de vacinas, métodos diagnósticos acessíveis e estratégias de educação em saúde. Paralelamente, a pesquisa científica deve avançar no sentido de produzir análises contextualizadas e interdisciplinares, capazes de subsidiar decisões políticas e contribuir para respostas mais equitativas e eficazes frente a futuras emergências sanitárias.

Conclui-se, portanto, que o vírus Ebola permanece como uma ameaça relevante à saúde pública global, não apenas pelo risco biológico que representa, mas por expor fragilidades estruturais dos sistemas de saúde e desafios persistentes na governança sanitária internacional. A compreensão crítica desses elementos constitui passo fundamental para a construção de estratégias mais sólidas de prevenção, controle e resposta, reforçando o papel da saúde pública na proteção da vida e na promoção da equidade em saúde.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Centro de Informações Estratégicas em Vigilância em Saúde (CIEVS): atribuições e fluxos de atuação**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/svsa/cievs>. Acesso em: 10 de dezembro de 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Doença pelo vírus Ebola: vigilância, prevenção e controle**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doenca_virusEbola_vigilancia_prevencao_controle.pdf. Acesso em: 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia de vigilância em saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/g/guia-de-vigilancia-em-saude>. Acesso em: 2024.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **Ebola** (Ebola Virus Disease). Atlanta: CDC, 2022. Disponível em: <https://www.cdc.gov/vhf/ebola/>. Acesso em: 2 de março de 2024.

CERBINO NETO, José. Questões éticas no manejo de pacientes com doença pelo vírus Ebola. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 11, p. 2256–2258, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311XPE011114>.

LOPES, Gills Vilar; DUNDA, Fabiola Faro Eloy. O risco da contaminação global: o combate à epidemia de Ebola na África como vetor de cooperação internacional. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde (RECIIS)**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1–22, jan./mar. 2015. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v9i1.898>.

PRIMER, Jacob S. J. Ebola virus disease. **Nature Reviews Disease Primers**, London, v. 6, n. 13, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41572-020-0147-3>.

SAMPAIO, José Ricardo de Carvalho; SCHUTZ, Gabriel Eduardo. A epidemia de doença pelo vírus Ebola de 2014: o Regulamento Sanitário Internacional na perspectiva da Declaração Universal dos Direitos Humanos. **Revista de Direito Sanitário**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 11–32, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdisan/article/view/118746>. Acesso em: 10 de março de 2024.

SIMIONI, Patricia Ucelli. Principais métodos de diagnóstico e tratamento da doença causada pelo vírus Ebola. **Ciência & Inovação**, v. 5, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cienciaeinovacao/article/view/11492>. Acesso em: 2024.

VENTURA, Deisy de Freitas Lima. **O impacto da crise internacional do Ebola (2014–2015) sobre a mobilidade humana**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS (ABRI), 6., 2017, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte: ABRI, 2017. p. 1–16.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Ebola virus disease**. Geneva: WHO, 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ebola-virus-disease>. Acesso em: 2024.